

PATRIMÔNIOS MATERIAS E IMATERIAIS NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE: ALGUMAS QUESTÕES PARA PENSAR PRÁTICAS ESCOLARES

MATERIAL AND IMMATERIAL HERITIES IN SOUTHERN CULTURE MATOGROSSENSE: SOME QUESTIONS TO THINK SCHOOL PRACTICES

Jacira Helena do Valle Pereira ASSIS

<jpereira.dou@terra.com.br>

Doutora em Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, Brasil
Profa. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7174344701638609>

<https://orcid.org/0000-0002-4539-6462>

Heloise Vargas de ANDRADE

<prof.heloisevargas@gmail.com>

Doutoranda em Educação

PPG em Educação da UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4694542276053249>

<https://orcid.org/0000-0001-9063-5197>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo problematizar o patrimônio cultural material e imaterial de Mato Grosso do Sul, para pensar elementos de uma prática escolar produtora nos agentes escolares de identificações positivas de quem somos, onde estamos e que projetos temos para o futuro. Com contribuições nos aportes de Pierre Nora, da noção “lugares de memória” busca-se, sinalizar os significados e sentidos que lugares dos patrimônios do referido estado agregam, a fim de perceber que partilhados e ressignificados propiciam a invenção de lugares. Por outro lado, também são apontados os benefícios e limites das leituras de fontes memorialísticas, que nos aproximam da memória coletiva e ao nos enveredarmos por essas leituras, identificamos todo um modo de ser e estar das pessoas nos lugares, ou seja, a cultura e a história dos grupos sociais a que pertencemos. Destacamos algumas iniciativas realizadas pela Fundação de Cultura, Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul e Museu de Arqueologia da UFMS, que viabilizaram a reedição de obras clássicas da cultura sul-mato-grossense, que podem nos aproximar da memória coletiva. Por fim, identificamos possibilidades do uso dessas obras para trabalhar com a educação patrimonial. Um uso que rompe com a sequência sistemática e engessada da história oficial, que promove o reconhecimento e valorização da cultura partilhada, bem como o conhecimento da nossa história.

KEYWORDS: Lugares de memória; Cultura material e imaterial; Memorialística; Práticas escolares.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the intangible and tangible cultural heritage of the State of Mato Grosso do Sul, to consider elements of school practice which engender in school agents' positive identifications of who we are, where we stand and what are our future projects. Based on Pierre Nora, considering the notion of “places of remembrance” we seek to highlight the meanings and senses that the heritage sites of the State aggregate, to realize that when shared and re-signified those sites provide the invention of places. On the other hand, we also point out the benefits and limits of the readings of memorialist sources which bring us closer to collective memory; by embarking on those readings, we identify the way people interact with those places, in other words, the culture and history of the social groups we belong to. This paper aims to discuss the

intangible and tangible cultural heritage of the State of Mato Grosso do Sul, to consider elements of school practice which engender in school agents' positive identifications of who we are, where we stand and what are our future projects. Based on Pierre Nora, considering the notion of "places of remembrance" we seek to highlight the meanings and senses that the heritage sites of the State aggregate, to realize that when shared and re-signified those sites provide the invention of places. On the other hand, we also point out the benefits and limits of the readings of memorialist sources which bring us closer to collective memory; by embarking on those readings, we identify the way people interact with those places, in other words, the culture and history of the social groups we belong to. Therefore, it's aimed to highlight some of the initiatives made by Fundação de Cultura, Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul and Museu de Arqueologia from UFMS, which made the reissue of classic works from sul-mato-grossense culture possible, bringing it closer to our collective memory. Lastly, it was possible to identify forms of using those works with patrimonial education in which break through this systematic and plastered sequency of official history, which promotes the acknowledgment and valuation of shared culture as well as the knowledge of our own history.

KEYWORDS: Places of memory; The immaterial and material cultural; Memorialist; School practices.

1 INTRODUÇÃO

Em face de algumas provocações construímos o presente texto, a saber: como a memória, a história e a cultura podem construir nas práticas escolares o pertencimento ao lugar e o respeito ao seu patrimônio? Que patrimônios materiais e imateriais podem ser mobilizados em práticas escolares, que se pretendem fomentadoras de identificações com o lugar e com os pertencimentos culturais? Que consequências são esperadas para a formação do educando?

Nesse sentido, ao aproximar de tais questionamentos temos como objetivo problematizar o patrimônio cultural material e imaterial de Mato Grosso do Sul, para pensar elementos de uma prática escolar produtora nos agentes escolares de identificações positivas de quem somos, onde estamos e que projetos temos para o futuro. A memorialística pode contribuir para a educação patrimonial a partir da nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que selecionamos para guardar. E, compreender como TOLENTINO (2013) a educação patrimonial pode explorar patrimônios que vão além dos monumentos e museus, tendo em vista que:

O patrimônio cultural está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declaramos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, está pautado em nossas memórias, forma a nossa

identidade e a dos outros e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz ser o que somos, individualmente ou em grupo. (TOLENTINO, 2013, p. 7).

Nossa imersão na temática do patrimônio e da memória, orientou-nos para organização de um texto em três partes: na primeira, focalizamos a visibilidade que a memória tem ganhado no campo da educação – e, a porta que se abre ao se explorar a memória social na (re) construção dos pertencimentos e identificações com o local; na segunda parte, sinalizamos com lugares de memória que as práticas escolares podem explorar porém sem um caráter prescritivo selecionamos alguns lugares de memória no estado de Mato Grosso do Sul e suas possibilidades de estudos, por último, na terceira parte, realizamos aproximações no patrimônio cultural imaterial das produções memorialísticas do referido estado, nesta alertamos para os limites das fontes e suas potencialidades numa prática de caráter crítico e reflexivo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para identificar no estado do Mato Grosso do Sul, lugares que compõem a memória social, que contam sobre nossa história, mobilizamos o conceito de lugares de memória de Pierre Nora: “[...] os ‘lugares de memória’ são apresentados como lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais” (NORA, 1993, p. 21), nisso diferindo somente quanto ao grau: “[...] os três aspectos coexistem sempre [...]” (NORA, 1993, p. 22).

O autor reafirma a necessidade de dar visibilidade a esses patrimônios, que geram sentimento de pertencimento, na contramão da tendência de homogeneização.

São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Nesse sentido também identificamos na escrita memorialística as possibilidades de promoção de se reconhecer, de trabalhar a educação patrimonial em práticas escolares com os devidos cuidados de suas particularidades.

[...] as práticas relacionam-se ao *habitus* e imprimem significado ao modo distinto de ser e fazer. Por práticas escolares ou educativas, compreendemos aquelas nas quais figuram as disciplinas escolares e conteúdos expressos em planos de estudos, programas e pontos de provas, os quais se unem a práticas culturais e sociais na composição da educação [...]. (ORTIZ, 2014, p. 116).

As práticas escolares são aquelas que são influenciadas e influenciam a cultura de um tempo e de um lugar, logo na ambiência da escola há uma estreita relação com os tempos escolares. Para Silva (2004), os tempos escolares acabam por condicionar representações, percepções, planejamento e usos dos espaços escolares. Nesse sentido, ao focalizar as práticas da escola percorre-se pela construção cultural daquele espaço no contexto da cultura escolar.

[...] os tempos escolares são múltiplos e, aliados à ordenação do espaço, tomam parte na cultura escolar. A organização rítmica da vida escolar se expressa no transcurso e na rotina cotidiana, na duração, nas alternâncias, continuidades e descontinuidades das atividades, **originadas nos distintos contextos e nas sequências e compassos das relações e práticas escolares**. (SILVA, 2004, p. 3, grifo nosso).

A relação entre espaço e tempo escolar constitui-se em um movimento de educação, de modo que o significado do horário na escola ultrapassa a duração das atividades acadêmicas, visto que implica na vivência de práticas, inculcação de valores e apropriação de condutas por parte dos estudantes. Esse processo, contribui para formar o *habitus* dos agentes estudantis, qual seja, um *habitus* culto e escolarizado, o qual é capaz de contribuir na composição da condição social.

Ao trabalhar a história, torna-se essencial compreendê-la como um elemento de sua composição mesmo que não trate fidedignamente das lembranças passadas, e não apresente uma sequência sistemática da história. Isso porque,

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, no qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 2006, p. 78-79).

Na prática escolar, a memorialística pode ser mobilizada como elemento de identificação de um modo específico de ser e estar sistematizado pela teoria *bourdieusiana* como o conceito de *habitus*, um “[...] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto

estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. (BOURDIEU, 2005, p. 191).

Trabalhar com práticas nas quais os estudantes possam se reconhecer a partir da cultura partilhada com o seu grupo é ir à contramão de um arbitrário cultural, que expõe a cultura legitimada e distante da realidade da maioria dos estudantes, e, conseqüentemente, tende a aprofundar (re) produção das diferenças e desigualdades.

3 A MEMÓRIA COMO CHAVE DE ESTUDOS

No campo educacional há diferentes vieses de abordagem da memória, isto é, estudos de memória na constituição da escola, focalizando práticas pedagógicas no tempo e em espaços determinados. Na abordagem da escola como um lugar de memória, são em geral estudados programas didáticos, livros antigos, cadernos e diferentes objetos-memória do cotidiano escolar que se constituem em possibilidades de compreensão de por que o currículo agregou determinados conhecimentos sistematizados, escolhidos por grupos sociais como imperativos para manutenção de poder. Além disso, há estudos sobre a iconografia da escola nos quais se abrem possibilidades de reconstruir trajetórias de ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos, trajetórias sociais e profissionais, enfim, conhecer os espaços e significados da escola em diferentes momentos.

A tarefa do historiador da educação, juntando estes elementos da memória, é não apenas a sua guarda, por preciosismo, mas a busca do sentido da sua utilização. Além dos objetos, constituem também elementos desta memória da instituição escolar músicas, fotos, filmes, vídeos, mapas da cidade e os próprios prédios escolares, que formam elementos físicos, visuais, auditivos, em movimento, e que registram, guardam e lembram fazeres da escola. (MENEZES, 2007, p. 22-3).

Uma outra vertente também profícua e vigorosa dos estudos com memória é a que focaliza investigações com professores em formação inicial e continuada, em fim de carreira e aposentados, tendo em vista que as narrações orais tanto quanto as narrativas escritas trazem expressões da cultura e do cotidiano escolar e social. Assim, há estudos com diários de formação, escritas de si mesmo com o projeto pedagógico da escola e as dimensões visíveis e invisíveis do cotidiano.

Do início dos anos 90 para cá, emergem pesquisas sobre formação de professores que abordam as histórias de vida, tematizando sobre a memória, as representações sobre a profissão, os ciclos de vida, o trabalho com a autobiografia ou as narrativas de professores em exercício, em final de carreira ou em formação. Essa perspectiva de pesquisa vincula-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, que toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação, denominada de “**abordagem experiencial**”. (SOUZA, 2007, p. 3, grifo do autor).

Depreende-se que a memória é requerida nos estudos sobre escolas e professores, pois possibilita colocar em *zoom* elementos singulares, que nas explicações em geral se deram pouco ou nenhuma atenção. Estudos com memória orientam-se para aquilo que é subtraído e não para o que é focalizado na versão oficial.

A memória pode também corroborar na produção de identificações. Se questionarmos se é possível focalizar a memória e a história com elementos positivos constitutivos de identificações, a resposta poderá ir ao encontro do que sinalizam Pollak (1992), Bosi (2015) e Halbwachs (2006). Esses autores destacam em suas obras a ligação entre memória e o processo de constituição identitária, pois a memória é “[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (POLLAK, 1992, p. 05).

A construção das identificações é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e de negociação direta: “[...] ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros”. (POLLAK, 1992, p. 204).

Memória não é somente lembrança do passado, tem uma ligação com múltiplas e complexas vivências que atuam no presente. A possibilidade de compartilhar dessa memória é que dá a cada um de nós o senso de pertencimento. Trata-se de uma relação criativa e dinâmica entre indivíduo e grupo social, na qual são mobilizadas na rememoração a identidade, as tradições, a

preservação de saberes e a memória em perspectiva. Ao se constituir como projeto, organiza-se com base no vivido e relativiza o passado.

Trabalhar com a memória, a história e as identificações nacionais e étnicas de nossa composição é fugir das armadilhas da homogeneização, que são estratégias que o capital historicamente construiu como reação ao local. A lógica do capitalismo nos dias de hoje com o que se denominou de globalização “[...] supõe assumir os modelos culturais hegemônicos, dos ‘outros’, dos que são ‘superiores’ e vencedores no mundo em que vivemos. Isso supõe a desintegração das culturas consideradas tradicionais”. (CANDAU, 2009, p. 33).

É notório que a valorização da cultura local e os apelos nacionalistas são mais frequentes nos países em que há maiores níveis de desigualdade social e econômica. Em situações de ameaça como essas, o Estado nacional tende a reafirmar e defender constantemente sua identidade nacional e cultural.

[...] a homogeneidade cultural no “plano nacional” é menos importante nos Estados avançados ligados aos mercados mundiais, uma vez que o Estado-nação como entidade política pode oferecer menos. Por isso o pluralismo, religioso, étnico e de estilo de vida pode se expandir dentro desses Estados, e os grupos podem ganhar mais importância dentro de Estados nacionais como focos alternativos de lealdade para seus membros. (HIRST; THOMPSON, 1998, p. 274).

Nações que não se mantêm na dianteira da competição internacional veem seus problemas internos dobrados. Transformações da nação acarretam exaltação do sentimento nacional, rejeição aos estrangeiros, preocupação em preservar o máximo as conquistas sociais no nível nacional e adoção total ao neoliberalismo ou ao que está se designando de pós-neoliberalismo. Nesse sentido, tais comportamentos no trato das identificações culturais expressam o quanto de ideologia desagregadora se faz presente na consciência de brasileiros e seus vizinhos latino-americanos, que deixam eclodir movimentos regionalistas e nacionalistas que só entravam nossa comunhão.

Para Alves (1995), essa tendência nas práticas sociais de omitir as semelhanças entre os povos latino-americanos faz parte dos mecanismos ideológicos que se vislumbram na união, uma ameaça ao processo de dominação regido pelo capital. Daí os mecanismos ideológicos terem

exercido uma ação desagregadora sobre as relações entre brasileiros, e seus vizinhos latino-americanos.

Esses mecanismos ideológicos terminaram por exercer uma ação desagregadora sobre as relações dos povos latino-americanos. **Como decorrência, tornam-se compreensíveis os comportamentos interpessoais que levam os homens de uma região ou de uma nação a desprezar ou rejeitar os seus vizinhos.** São comportamentos que ainda revelam o domínio desses mecanismos ideológicos sobre as consciências dos povos latino-americanos. [...] Entendemos que essa situação é sobremaneira crítica para aqueles que vivem nas confluências de fronteiras latino-americanas. (ALVES, 1995, p. 9-10, grifo é nosso).

O lugar da memória e da cultura na escola, ao ser trabalhado, corrobora o empoderamento de seus agentes sociais, visto que constrói uma identificação possível de quem somos, onde estamos e que projetos nos agregam e quais temos para o futuro. Trabalhar no sentido de recuperar nossas pertencças como grupo, as ideologias coletivas e crenças comuns entre os povos latino-americanos, desnaturalizando as fronteiras dos grupos, é uma estratégia importante para constituição de identificações e pertencimentos.

4 LUGARES DE MEMÓRIA, DA HISTÓRIA E DA CULTURA EM MATO GROSSO DO SUL: EM DISCUSSÃO OS PATRIMÔNIOS CULTURAIS MATERIAIS E IMATERIAIS NAS PRÁTICAS ESCOLARES

O objetivo desse tópico é sinalizar com a ideia de lugares de memória possibilidades de produzir elementos para pensar as práticas escolares sem, contudo, ter um caráter prescritivo. Constitui-se como campo empírico o estado de Mato Grosso do Sul e as suas potencialidades de lugares. Ao olhar para o entorno, buscamos os significados que estes agregam e os sentidos que se podem produzir em prol da cultura e da memória.

Essa expressão, “lugares de memória”, foi forjada pelo historiador francês Pierre Nora que, preocupado com as intersecções entre memória e identidade, coordenou com intelectuais franceses um amplo debate na França no período de 1978 a 1981, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (PARIS). A questão de fundo era a identidade nacional francesa ou como foi forjada a memória da França como nação, problemática posta em face à ameaça do processo de integração da União Europeia e à onda homogeneizadora da globalização.

Por “lugares de memória” compreendem-se lugares materiais, funcionais e simbólicos.

Portanto,

[...] **lugares materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; [...] **lugares funcionais** porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e [...] **lugares simbólicos** onde essa memória coletiva vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. (NORA, 1993 apud NEVES, 2006, p. 3, grifo nosso).

Dessa discussão importa compreender a memória como viva e inventiva, necessitando ser constantemente ritualizada e imaginada. Os lugares para existência demandam uma “vontade de memória” (NEVES, 2006).

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. **Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los.** Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. **E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória.** É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993, p. 13, grifo nosso).

Diante disso, como se podem explorar nas práticas escolares lugares de memória em Mato Grosso do Sul? Selecionamos alguns lugares no referido estado. Como toda seleção é arbitrária, deixamos alguns lugares de lado e privilegiamos outros. Nosso olhar privilegiou lugares que mobilizam a memória coletiva. A exemplo, lugares de memória que estão associados a um dos episódios do passado mais evocados na história de Mato Grosso do Sul com os seus vizinhos latino-americanos, qual seja, a Guerra do Paraguai.

No estado de Mato Grosso do Sul, vários de seus municípios - como Bela Vista, Guia Lopes da Laguna, Jardim, Miranda, Nioaque, Aquidauana, Anastácio, Coxim, Dourados, Corumbá e

Antônio João - possuem na sua arquitetura diferenciados monumentos e obeliscos acerca da Guerra do Paraguai. Esses locais foram palco de acontecimentos que compõem o quadro da Retirada da Laguna. Este é um dos episódios mais marcantes da guerra com o Paraguai, ocorrido totalmente em solo sul-mato-grossense, no qual morreram mais brasileiros do que na batalha do Tuiuti.

Para Mato Grosso do Sul, unidade da federação criada em 1977 a partir do desmembramento territorial de Mato Grosso, a “Guerra do Paraguai” e, em especial, os episódios relacionados com a Retirada da Laguna transformam-se em elementos essenciais para o processo de elaboração, por parte da memória coletiva local, de representações míticas do passado, capazes de legitimar a própria existência do novo estado, bem como para a constituição de uma identidade local, a partir da qual os sul-mato-grossenses são identificados, entre outros, com o bandeirante “desbravador” do sertão, com o defensor da fronteira e da integridade nacional ameaçada (TRUBILIANO; MARTINS JUNIOR, 2008, p. 15).

Dessa forma, em Mato Grosso do Sul, há alguns anos vem ganhando relevância o projeto empreendido pela Fundação de Cultura - apoiado por diversas instâncias governamentais do Estado - que tem como parceiros, entre outros, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) e o Conselho Internacional de Museus (ICOM).

No projeto intitulado: “Complexo Turístico Cultural da Força Expedicionária de Mato Grosso”, a parte nuclear é transformar o que se denominou “Trilha da Retirada da Laguna” num roteiro turístico e cultural internacional de visitação histórica à semelhança do que é feito com o “Caminho para Machu Picchu”, no Peru, ou ainda o “Caminho do Sol”, na Espanha. O objetivo do projeto é oferecer aos amantes das caminhadas a vivência com a realidade histórica de Mato Grosso do Sul, colocando-os em contato com o cenário dos acontecimentos de um dos momentos mais dramáticos da Guerra da Tríplice Aliança.

[...] a importância simbólica de um dado lugar é independente de sua importância econômica. A densidade simbólica de um lugar tem a sua lógica derivada dos significados socialmente construídos e integrados à vida do grupo social que os construiu. (CORRÊA, 2007, p. 19).

Essa iniciativa fomenta elementos constitutivos da memória coletiva e pode também se colocar num espaço para discussão dos nossos vínculos com a identidade latino-americana, ao estabelecer relações entre o passado, os modos de vida das coletividades locais, assim como suas

proximidades geográficas e influências culturais, que já não pertencem aos territórios nacionais, mas partilhadas e ressignificadas propiciam a invenção de lugares.

Nesse sentido, entende-se que as tradições são inventadas, isto é, “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas [...], o que implica, [...]; uma continuidade em relação ao passado”. (HOBBSAWN; RANGER, 1997, p. 9). Esse passado histórico torna-se, portanto, apropriado para dar uma tradição e um sentido de projeto de continuidade ao grupo, elementos significativos para aproximação entre as pessoas de uma nação.

Outro lugar de memória é a construção de arquivos orais de antigos moradores de áreas do Pantanal sul-mato-grossense, de garimpo e fronteiriças, que receberam pessoas de diferentes regiões do país e dos vizinhos sul-americanos - em especial da Bolívia e do Paraguai. Trabalhar com histórias de vida pode ser uma atividade agregadora de estudantes e professores num projeto criativo. No dizer de Milton Santos (1993), o morador é o único que tem a alma do lugar.

Moradores, ao serem envolvidos, são valorizados e se encontram com seus pertencimentos identitários. A memória passa a ser fator de identidade, não sendo apenas individual, mas, sobretudo, coletiva. A memória é seletiva (HALBWACHS, 2006). Analisando por esse caminho, torna-se fundamental conhecer quais os fios usados para apoiar a volta dos indivíduos do presente ao passado. “O passado longínquo pode então se tornar promessa do futuro e, às vezes, desafio lançado nessa ordem estabelecida”. (POLLAK, 1992, p. 11).

A memória coletiva é a memória social e está relacionada a uma história vivida, na qual o passado permanece vivo na consciência de um grupo social. Essa noção é contraposta à história (memória histórica), que seria uma forma de conhecimento do passado, exterior ao domínio do vivido.

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos conosco sempre em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Sem dúvida, existe uma infinidade de lugares que podem ser explorados nas práticas escolares. Por último, neste tópico, exemplificamos o lugar de memória que remete às fontes da memorialística e outras que, contribuem para compreender a constituição histórica, política e social do estado de Mato Grosso do Sul. No referido estado, está em curso uma proposta de publicação de diversas obras que trazem marcas de uma produção representativa da história de Mato Grosso do Sul, em diferentes períodos.

De um modo geral, as obras focalizam desde a colonização espanhola, nessa região do continente sul-americano, até a ocupação das fazendas na área pantaneira e a formação histórica e social do sul de Mato Grosso do Sul.

Essas obras vêm sendo selecionadas por pesquisadores e estudiosos do Estado e constituem uma iniciativa do Museu de Arqueologia da UFMS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL), com apoio de publicação do Governo do Estado. São obras de grande valor científico e cultural, pois são consideradas raras pelo conteúdo apresentado, pela antiguidade e número de publicações existentes, haja vista a reedição de livros publicados, que já não constituem em interesse comercial para as editoras, mas são fontes empíricas importantes para o campo científico.

As leituras dessas obras clássicas nos aproximam da memória coletiva e ao nos enveredarmos por essas leituras, identificamos todo um modo de ser e estar das pessoas nos lugares, ou seja, a cultura e a história dos grupos sociais a que pertencemos.

As obras as quais mencionamos estão reunidas numa coleção denominada "Documentos para a História de Mato Grosso do Sul". Em 2009 foram publicados os livros: "Anais do Descobrimento, Povoação e Conquista do Rio De La Plata", do espanhol Ruy Diaz de Guzman; "Oeste: Ensaio Sobre a Grande Propriedade Pastoril", de Nelson Werneck Sodré; e "Pantanais Mato-grossenses: Devassamento e Ocupação", de Virgílio Corrêa Filho.

No ano de 2010, foram publicados outros três títulos: "Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)", de Jaime Cortesão, "Oeste de São Paulo, Sul de Matogrosso", de autoria de Miguel

Arrojado Ribeiro Lisboa e “Episódios históricos da formação geográfica do Brasil”, escrito por Mário Monteiro de Almeida.

Além das obras supramencionadas, ocorreu uma terceira etapa da coletânea de publicação em 2011, sendo todas essas publicações encaminhadas às bibliotecas públicas, escolas e universidades. Nesse sentido o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) tem fomentado e encorajado escritores regionais a publicarem nossas histórias.

Com investimentos de Fundo de Investimentos Culturais (FIC), a Fundação de Cultura em Mato Grosso do Sul em parceria com o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), também produziram o lançamento de oito livros da “Séria Memória Sul-Mato-Grossense, com obras que dão visibilidade a nossa memória e cultura. São eles: “Jean Serrou Camy, um francês dos Pirineus no coração do Brasil” (PAIVA, 2018); “Fronteiras Guaranis” e “Canaã do Oeste” (MELO e SILVA, 2018); “Memórias da Grande Guerra” (CORRÊA, V.; CORRÊA, L., 2018); “História da fundação de Campo Grande” (PEREIRA, 2018), “O Estado de Mato Grosso e as supostas terras do Barão de Antonina” (RESENDE, 2018), “Onde cantam as seriemas” (GOMES, 2018); “Corumbá, terra de lutas e sonhos” (CORRÊA, 2018).

Enfim, oportunizar o fácil acesso à população e aos estudiosos conhecimentos da história da constituição dessa porção oeste do Brasil, em especial de Mato Grosso do Sul, possibilita nosso encontro com as nossas origens, elementos comuns da colonização, entrecruzamento de grupos culturalmente diversos, que cruzaram as fronteiras nacionais e internacionais não encontrando obstáculos, deixando em evidência que há mais aproximações do que distanciamentos entre nós e os nossos vizinhos sul americanos.

5 MEMORIALÍSTICA E O SEU LUGAR NAS PRÁTICAS ESCOLARES

O objetivo deste tópico é fomentar para utilização da memorialística com rigor científico nas práticas escolares, a fim de evitar sua inclusão de forma acrítica e sem o rigor esperado. Em continuidade as iniciativas de divulgação com fontes da memória de Mato Grosso do Sul, mencionamos que no ano de 2008, o então Governador do Estado André Puccinelli, por meio de

uma parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, publicaram cinco títulos do memorialista Paulo Coelho Machado, organizado em um único volume, intitulado: “Pelos Ruas de Campo Grande”.

O volume contém obras que foram escritas a partir da recolha de depoimentos e fotos, que narram acontecimentos e passagens rotineiras das primeiras gerações de campo-grandenses, daqueles que ajudaram a construir e desenvolver a cidade que hoje é capital do estado.

A iniciativa mostrou-se pertinente e eficaz para valorizar as obras de memorialistas e permitir a aproximação dos acontecimentos, da cultura, de pessoas, de lugares que marcaram época. A apresentação contida na abertura do volume ressalta a importância da iniciativa:

Com invejável lucidez e pertinaz pesquisa que lhe permitiu **reconstituir fidedignamente**, acontecimentos e passagens das mais memoráveis dos primórdios do cotidiano da Cidade Morena, Paulo Coelho Machado constituiu-se através dessa obra como um pragmático historiador e notável memorialista. (MACHADO, 2008, p. 6, grifo nosso).

O destaque no texto de Machado (2008), foi dado pela pretensão do autor de “reconstruir fidedignamente” a história. Ocorre que, reconstruir a história não é a principal preocupação da memorialística. Por ser uma escrita alicerçada em lembranças não cabe juízo de valor sobre sua veracidade. Isso porque o processo de relembrar é um delicado exercício de assimilação e reinterpretação, no qual são utilizados pontos de referências atuais, em consequência disso acontecimentos antigos passam a ser lidos novamente a partir de uma nova percepção (BOSI, 2015).

Além disso, a iniciativa governamental incorreu em alguns equívocos ao trabalhar com a obra memorialística em questão, visto que ao distribuir entre as bibliotecas públicas e bibliotecas escolares do município e do estado, alertou que teria a proposição de ser trabalhada como história local com crianças e adolescentes. A obra de Machado (2008), que se pretendeu tratar da história de Campo Grande carrega consigo aspectos relativos não somente ao tempo e o lugar de suas vivências, mas ancora-se em uma memória social que evidencia as posições política e de classe social de um dos maiores pecuaristas do referido estado. Nisso, é possível compreender a individualidade e a dinamicidade da memória.

Neste sentido, alertamos que não é necessário utilizar a obra como sinônimo de História para justificar o valor da obra, porque o principal valor atribuído a ela está na visibilidade e valorização dada à cultura e as práticas culturais e sociais do povo campo-grandense e aspectos do cotidiano que são partilhados por aqueles que residem em Campo Grande.

A operacionalização do sistema de conceitos produzida pela teoria *bourdieusiana*, promove a possibilidade questionamento das relações e práticas educativas presentes no interior do sistema de ensino. Esse modo de investigação permite desvelar a imposição cultural velada nos currículos e práticas escolares, auxiliando a compreensão da composição e intencionalidade das bases e saberes que regem a dinâmica escolar, compreendendo, sobretudo, como esses saberes estão organizados e didatizados.

A escola como responsável pela socialização dos indivíduos, por meio dos ensinamentos da cultura é aquela responsável pelo aprendizado da oralidade da língua, da escrita, dos modos de vida, da história assim como também é o papel das demais ciências e outros ensinamentos.

O acesso à cultura promovida na escola extrapola o conhecimento e a valorização da “cultura erudita” legitimada pela estrutura das relações de forças simbólicas, como museus, academias, sociedades artísticas, que muitas vezes distanciam os estudantes do conhecimento escolar. As práticas escolares agem de fato como “chaves e códigos” necessários ao acesso à cultura e a valorização da cultura local.

Bourdieu (2005) aponta para uma relação direta entre esse sentimento de pertencimento, as práticas e o *habitus* como um modo específico de ser e estar. Assim, as práticas passam a ser pensadas como elemento formativo do *habitus*, sendo responsáveis pela estruturação dada a partir da experiência e vivência diária, que gradativamente contribui para sedimentação de esquemas responsáveis pela formação de novas estruturas.

As práticas escolares cotidianas ao trazer e ao se utilizar da memorialista como patrimônio cultural evidenciam pelo *habitus* o pertencimento e a identificação de determinado grupo social e cultural; uma vez que é possível entendê-lo também como “[...] um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, em outras palavras, um conjunto de

conhecimentos **práticos** adquiridos ao longo do tempo que permite perceber e **agir** num universo social”. (BRANDÃO; ALTMANN, 2005, p. 2, grifo nosso).

Como pensar, então, práticas escolares que promovam o conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural local? Ou ainda: como promover práticas escolares que proporcionem aos agentes uma leitura do mundo que os rodeia de forma a fortalecer seus pertencimentos culturais?

Selecionamos para aproximar das indagações acima, no espaço social de Mato Grosso do Sul algo muito peculiar que, é a cultura pantaneira. O Pantanal compreende os municípios de Corumbá, Ladário, Miranda, Aquidauana e Anastácio e, é conhecido mundialmente, como a maior planície inundável do planeta, que fascina por sua biodiversidade, sua fauna e flora e movimenta o turismo do estado principalmente no ramo do ecoturismo, da pesca esportiva, e turismo de aventura. Mas, além de suas belezas naturais, abriga uma cultura onde os agentes compartilham modos específicos de ser e estar no Pantanal, costumes, histórias, comidas produzidas na região.

O escritor Abílio Leite de Barros (1929-2019), reuniu memórias da cultura pantaneira, na obra intitulada “Gente Pantaneira: crônicas da sua história” (1988). O referido autor é irmão de um ilustre poeta oriundo de Mato Grosso, Manoel de Barros. Barros (1998), logo na primeira página da obra justifica sua escrita.

Aprendi a ver a exuberância da sua floresta e fauna desde menino. Sei me deixar na varanda e assistir em silêncio ao pôr-do-sol. Sei muito de paisagens. Mas não é disso que tratam essas crônicas. A única paisagem a que me ateno é o homem, o pantaneiro. Ele é meu tema, seus costumes, suas origens e seus anseios, sua vida e sua lida. Tenho pressa em cumprir esta tarefa, pois cada vez me parece mais nítida a ideia de que o homem pantaneiro constitui a única espécie em extinção neste santuário ecológico. (BARROS, 1998, p. 7).

As crônicas de Abílio Leite de Barros retratam vários momentos da história pantaneira, passando por seu descobrimento, pelo bandeirantismo paulista, pelo povoamento e pela introdução da cultura bovina na região, cultura essa que ocupa espaço no estado todo repercutindo principalmente campo econômico, no campo musical, nos gostos e costumes.

Ao fazer distinção entre “nossa gente” e o povo cuiabano, o autor aborda características que diferenciava culturalmente os moradores do estado de Mato Grosso, mesmo antes da divisão do Estado. Diferenciação essa, tão cara ao povo sul-mato-grossense, que ainda hoje parece passar despercebida entre o restante da população brasileira. Sobre o homem pantaneiro, o autor o conceitua como:

[...] o vaqueiro pantaneiro é o antípoda do caboclo do centro-sul. Nele está visível a alegria de viver. Trata-se de uma alegria ruidosa, festiva, estrepitosa, traduzida em desabusados gritos e gargalhadas que pontuam suas atividades no campo, na lida do mangueiro ou nas conversas de galpão. [...] o pantaneiro só se acomoda em ruidosos grupos, do qual o tereré é um símbolo. Melhor compará-lo, então, ao barulhento tordo, esse alegre despertador das manhãs pantaneiras, que canta, ri e ama. (BARROS, 1998, p. 139).

Além de exaltar a alegria do homem pantaneiro, as memórias partilhadas promovem a identificação das narrativas a partir do valor simbólico atribuído ao tereré. A referida bebida de erva-mate que é servida gelada apesar de ter origem na região fronteiriça, passou a ser apreciado em todo o estado. Além disso, é compartilhada principalmente em momentos de lazeres em uma roda de amigos.

No ano de 2011, o Decreto nº 13.140 do Poder Executivo determinou o registro do Tereré de Ponta Porã como patrimônio imaterial histórico e cultural de Mato Grosso do Sul, e ressalta no Art. 2º: “o bem imaterial, Tereré de Ponta Porã, será registrado no Livro de Registro dos Saberes, nos termos do inciso I do art. 16 da Lei nº 3.522, de 2008, onde são inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades” (MATO GROSSO DO SUL, 2011).

Dimensionar os hábitos e costumes como patrimônios, remete ao ato de propriedade, e assim possibilita-nos atribuir valor estabelecendo uma relação de apropriação. A escola ao trazer essas memórias às práticas escolares, contribui para a forma de pensar e agir da comunidade envolvida, ou seja, “[...] a comunidade é a melhor guardiã do Patrimônio Histórico, os diversos grupos, a comunidade, ou atores sociais devem ser chamados a contribuir no entendimento da questão” (BASTOS, 2007, p. 10).

Na cultura pantaneira também ganha visibilidade a bovinocultura que se expande para além da economia, para arte e o esporte. Nesse sentido, o autor de “Gente Pantaneira”, destaca a arte do laço como herança indígena ressignificada para o trato com o gado no cotidiano de quem lida com o rebanho, mas também é transformada em jogo nos festivais num misto de arte, cultura e esporte; uma prática da qual a gente pantaneira se orgulha.

Os rodeios; o banho de rio; a caçada ocasional do vaqueiro sempre preparado com a arma na cintura; a música folclórica pantaneira e até mesmo uma forma específica de cortejar as moças solteiras; os doces feitos em tachos e uma infinidade de outros elementos que compõem a cultura do Estado, colocam em evidência patrimônios imateriais que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar, ao mesmo tempo em que se promove uma educação patrimonial crítica.

A mobilização da memória na prática escolar necessita da compreensão de que a memória compõe a nossa história, mas não a compreende em sua totalidade, para isso é necessário cruzamento de fontes, como um importante fator de enriquecimento analítico. Além de não tomar a memória como sinônimo de história, reiteramos que nenhuma das duas compreende uma verdade absoluta.

Pode se inferir então, que uma prática escolar em prol da educação patrimonial “[...] seria o (re) conhecimento por parte da população da importância coletiva de preservar os bens históricos e artísticos escolhidos pelo Estado” (SIVIERO, 2015, p. 88), no qual a memória muito tem a contribuir na preservação daquilo que nos une.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou identificar na cultura sul-mato-grossense patrimônios materiais e imateriais que compõe a história do estado. Identificamos lugares de memórias que nos remete a momentos históricos em que construímos os elementos que nos aproxima do que é ser e estar na condição de sul-mato-grossense.

Reafirmamos o caráter pedagógico e mobilizatório dos lugares de memória. Se para alguns pode haver um sentido de lembranças particulares ou simbólicas, para outros há um

significado de identificação, de pertencimentos culturais e de empoderamento na constituição de vínculos necessários ao estabelecimento de projetos para o futuro.

Enfim, a prática escolar, ao trabalhar com a memória, a história e a cultura, cria elos entre os lugares de memória e elementos positivos constitutivos do modo de ser e estar, ou seja, a constituições de um *habitus* com o lugar.

Em síntese, evidenciamos as potencialidades das obras memorialísticas como forma de registro e proteção do modo de ser e estar na cultura do estado, que ao serem utilizadas com os devidos cuidados de suas especificidades podem promover não somente o reconhecimento e valorização da cultura partilhada, mas também o conhecimento da nossa história.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mário Monteiro de. *Episódios históricos da formação geográfica do Brasil*. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2009. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).
- ALVES, Gilberto Luiz. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: _____. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: UNIDERP, 1995.
- BARROS, Abílio Leite. *Gente pantaneira: crônicas da sua história*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BASTOS, Rossano Lopes et al. *A arqueologia na ótica institucional: IPHAN, contrato e sociedade*. Erechim, RS: Habilis Press, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRANDÃO, Zaia; ALTMANN, Helena. Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus. *Boletim SOCED*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-12, 2005.
- CANDAU, Vera Maria. Identidade latino-americana e globalização. In: CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (org.). *Educar em direitos humanos: construir democracias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p. 24-33.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Pantanaís matogrossenses: devassamento e ocupação. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2009. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

CORRÊA, Valmir Batista. CORRÊA, Lúcia Salsa. Memórias da grande guerra. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

CORRÊA, Valmir Batista. *Corumbá, terra de lutas e sonhos*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas espaciais e política. In: ASPECTOS CULTURALES EN LAS GEOGRAFIAS ECONÓMICAS, SOCIALES Y POLÍTICAS, 2007, Buenos Aires. *Anales de la Conferencia Internacional* [...]. Buenos Aires: Unión Geográfica Internacional, 2007. p. 1-23.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)*. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2010. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

GUZMAN, Ruy Diaz de. *Anais do descobrimento, povoação e conquista do Rio de la Plata*. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2009. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LISBOA, Miguel Arrojado Ribeiro. *Oeste de São Paulo, sul de Mato-Grosso*. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2009. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande*. 2. ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

MATO GROSSO DO SUL. Decreto nº 13.140, de 01 de abril de 2011. Determina o Registro do bem imaterial que menciona. *Diário Oficial do Estado do Mato Grosso do Sul*, p. 1, abr. 2011.

Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/25753989/pg-1-diario-oficial-do-estado-do-mato-grosso-do-sul-doems-de-01-04-2011>. Acesso em: 24 maio 2020.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Memória, autobiografia e relatos de formação: a escola, a sala de aula e o fazer docente. *Salto para o futuro: histórias de vida e formação de professores*, boletim n. 1. p. 23-40, mar. 2007.

NEVES, Margarida de Souza. Lugares de memória da medicina no Brasil. *In: CIÊNCIA e preconceito: uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro: 1859 – 1906*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006. Disponível em: <http://http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm>. Acesso em: 16 jun. 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 07-28, 1993.

ORTIZ, Fernanda Ros. *A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946-1961)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2014.

PAIVA, Ely Carneiro de. *Jean Serrou Camy: um francês dos Pirineus no coração do Brasil*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

PEREIRA, Eurípedes Barsanulfo. *História da fundação de Campo Grande*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RESENDE, Astolfo Vieira de. *O Estado de Mato Grosso e as supostas terras do Barão de Antonina*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Currículo como cultura da escola: os desenhos do ordenamento temporal e espacial da escola inclusiva. *In: REUNIÃO ANUAL DA AANPED, 27., 2004, Caxambu. Anais eletrônicos [...]*. Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt12/t124.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2013.

SILVA, José de Melo e. *Canaã do Oeste*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

SILVA, José de Melo e. *Fronteiras guaranis*. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2018. (Série: Memória Sul-mato-grossense).

SIVIERO, Fernando Pascuotte. Educação e patrimônio cultural: uma encruzilhada nas políticas públicas de preservação. *Revista CPC*, n. 19, p. 80-108, jun. 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Campo Grande, MS: UFMS; Governo do Mato Grosso do Sul, 2009. (Coleção: Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

SOUZA, Elizeu Clementino de. Proposta pedagógica. *Salto para o futuro: histórias de vida e formação de professores*, boletim n. 1, p. 3-13, mar. 2007.

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). *Educação Patrimonial: educação, memórias e identidades: caderno temático 2*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2013.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre; MARTINS JUNIOR, Carlos. Revisitando a retirada da Laguna: um debate entre a memória, história e turismo. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, MS, v. 2, n. 3, p. 1-21, jan./jun. 2008.



Submissão: 15 de junho de 2020
Avaliações concluídas: 24 de fevereiro de 2021
Aprovação: 24 de fevereiro de 2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira; ANDRADE, Heloíse Vargas de. Patrimônios materiais e imateriais na cultura sul-mato-grossense: algumas questões para pensar práticas escolares. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 21, n.1, p. 1-22, e-210112, jan./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>